

século, fundou a ABI, é, hoje, figura praticamente esquecida, imerecidamente esquecida⁽²³⁰⁾.

O lento mas progressivo desenvolvimento das relações capitalistas em nosso país, acelerando a ascensão da burguesia e até alterando-a qualitativamente, provocaria, necessariamente, não apenas o aumento quantitativo do proletariado, cada vez mais numeroso e agrupando-se em uns poucos centros ou áreas, como alterações qualitativas que acabaram fazendo surgir formas de ação e de organização que colocariam em plano de relevo o que se convencionou conhecer, na época, como “questão social”. No Brasil, a formação do proletariado não foi apenas tardia; recrutado no campo e, por isso mesmo, com mentalidade camponesa, e num campo em que as relações feudais eram ainda predominantes e sofriam também do longo passado escravista — o regime escravo fora extinto há pouco — teve a agravante de receber considerável reforço de elementos estrangeiros, também oriundos do campo, em seus países de origem. Essa fonte duplamente camponesa deu singular relevo à estria anarquista apresentada pelas organizações operárias em nosso país, com reflexos na imprensa que essa nova classe conseguiu criar e manter.

Os primeiros jornais anarquistas apareceram, aqui, ainda no século XIX: *O Despertar*, de José Sarmiento, *O Protesto*, *O Golpe*, *A Asgarda*, como pioneiros, os dois últimos dirigidos por Mota Assunção. Em maio de 1902, precisamente a 28, instalava-se, em S. Paulo, o Congresso do Partido Socialista Brasileiro, em que se constituiu esse partido; a 1º de junho aparecia, ali, *O Amigo do Povo*, de orientação anarquista, dirigido por Neno Vasco; a 28 de agosto, era fundado também no Rio o Partido Socialista Coletivista, por iniciativa de Vicente de Sousa e Gustavo de Lacerda. Já

das obras, e em 1944, para a inauguração do busto de Pedro Ernesto, quando esclareceu, em discurso, que a imprensa, no início do século, “caracterizava-se como uma semiprofissão de homens inteligentes e desorganizados, oscilando entre a boémia e o aluguel das aptidões intelectuais, a dedicação extrema ao bem público e os arranjos dos bastidores públicos”; voltou, pela última vez, em 1952.

(230) Gustavo de Lacerda (1853-1912) nasceu no Desterro, hoje Florianópolis; ingressou na Escola Militar, da qual foi desligado por suas idéias republicanas e socialistas, indo para a tropa, onde chegou a sargento. Foi, depois, guarda-livros, em Santos, e jornalista, no Rio, demorando-se mais em *O País*, para o qual fazia a cobertura do noticiário de repartições públicas, — nunca passou de repórter. “Mulato comprido e alto; indivíduo nervoso, de aparência gasta e mal vestido; passo tardo e bigode caído; modesto de posses e por temperamento; animado, porém, da idéia obsessiva de arregimentar os que trabalhavam na imprensa”, escreveu dele quem o conheceu. João Melo acrescentou: “Pouco conhecido (...) o repórter exato em suas obrigações e correto narrador dos eventos de cuja divulgação se encarregou, era visto como um agitador e não como um jornalista (...) cumpridor dos deveres de sua profissão. É que lhe sabiam o pendor político”. Estas opiniões e os dados sobre a ABI estão na obra citada de Fernando Segismundo.